

“Hari Nama Sankirtana”: estudo antropológico de um processo ritual. [de Marcos Silva Da Silveira. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1999].

Stephen G. Baines*

A tese de doutorado de Marcos Silva da Silveira, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, em outubro de 1999, enfoca os festivais do Centenário de Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami, fundador do Movimento Hare Krishna. Desde suas primeiras reflexões sobre o tema, a partir de 1994, e durante sua pesquisa de campo para o doutorado entre 1995 e 1997, o autor procurou situar o momento que o Movimento Hare Krishna estava atravessando através de alguns conceitos da teoria sociológica para abordar o fenômeno religioso, como rotinização do carisma. Antes de discutir as categorias weberianas, o autor procura caracterizar o Movimento Hare Krishna como uma religiosidade de renúncia estruturada, a partir do conceito dialético, *estrutura:anti-estrutura* de Victor Turner, tomando o conceito de *communitas* ou *anti-estrutura* para examinar as celebrações do Centenário de Srila Prabhupada.

Marcos Silva da Silveira observa que na gênese dos movimentos religiosos das “grandes religiões”, a dimensão social estudada por Victor Turner em sociedades tribais assume outras características, propondo utopias sociais igualitárias. No caso do Movimento Hare Krishna, qualquer canção de sankirtana louva a igualdade de todos diante de Krishna. O autor usa o conceito de *communitas espontânea* para descrever o êxtase alcançado durante o rito, em que Krishna encarna na manifestação do Seu Santo Nome.

Além de acompanhar os adeptos do Movimento Hare Krishna em Nova Gokula, no estado de São Paulo e em Brasília, Marcos Silva da Silveira acompanhou a delegação de cerca de sessenta adeptos brasileiros do Movimento

* Stephen G. Baines é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Hare Krishna à Índia durante cinco semanas em 1996, para os festivais do Centenário de Srila Prabhupada. Na sua visita à Índia, ele desempenhou o papel duplo, de *Bhakta Marcos de Brasília*, aspirante a devoto “*Bhakta*” do Movimento Hare Krishna e de etnógrafo, doutorando em Antropologia da Universidade de Brasília. Visitou, junto com os adeptos, diversas cidades santas, viagem que ele relata em detalhes no trabalho.

Marcos Silva da Silveira procura demonstrar, através da sua descrição etnográfica participativa, que os conceitos de Victor Turner permanecem válidos, discutindo como a International Society for Krishna Consciousness (ISKON) fundada por Srila Prabhupada realiza seus ideais, operando passagens entre dimensões da sociedade indiana e das sociedades de origem de suas comunidades, ao construir uma categoria anti-estrutural, o devoto. De uma grande quantidade de material etnográfico sobre o comportamento dos devotos brasileiros na Índia, e das celebrações do Centenário de Srila Prabhupada em Nova Gokula e em Brasília, Marcos Silva da Silveira mostra que em cada um destes lugares, as celebrações articulavam situações sociais características do Movimento Hare Krishna, todas com referência aos acontecimentos rituais de Mayapur em 1996.

O primeiro capítulo da sua tese apresenta uma versão da história do Movimento Hare Krishna, para situar a construção histórica da importância do processo ritual denominado *Hari Nama Sankirtana*, instituído em Bengala do século XVI por Sri Chaitanya Mahaprabhu, o que o autor define como vindo a ser “a marca registrada do Movimento Hare Krishna” (p.15), a cerimônia pública que Srila Prabhupada e seus discípulos popularizaram pelas ruas das cidades do Ocidente, quando os devotos cantam e dançam “*Hare Krishna! Hare Rama!*”, com o objetivo de distribuir a misericórdia de Krishna por todos aqueles que participam de tais cerimônias. O movimento de Prabhupada se auto-denomina Movimento de Sankirtana. O autor procura situar o ritual dentro do vaishnavismo bengali em Calcutá e Mayapur.

No segundo capítulo, o autor discute as reconsiderações de Victor Turner com respeito às suas primeiras colocações sobre *estrutura anti-estrutura*, num diálogo com autores indianos. A partir de Van Gennep, Turner, e as críticas levantadas por Mariza Peirano e Stanley Tambiah a estes autores, elabora uma interpretação do surgimento da versão ocidental, usando como fontes dados empíricos e bibliográficos do Movimento Hare Krishna. O autor interpreta a ida dos Swamis indianos ao Ocidente como uma fase liminar de um grande rito em que realizam sua missão espiritual. Examina também a ida dos discípulos ocidentais aos centros de peregrinação na Índia, que ele explica como parte de uma estruturação progressiva de um estado de espírito da sua

vivência espontânea inicial - a participação dos devotos brasileiros nos festivais do Centenário de Srila Prabhupada sendo considerada como tal.

No terceiro capítulo, há uma descrição de parte do festival do Centenário de Srila Prabhupada realizado em Sri Mayapur Dhama, o centro espiritual do Vaisnavismo em Bengala Ocidental, na sede internacional do Movimento Hare Krishna. Das duas semanas de ritual, envolvendo cerca de três mil adeptos do Movimento e milhares de participantes locais, o autor analisa a consagração de Srila Prabhupada, que é a primeira parte do festival indiano do Centenário, realizado no seu memorial, o Puspa Samadhi ou "Mausoléu das Flores", situado em Mayapur, na beira do rio Ganges. O mausoléu representa uma apoteose do Hari Nama Sankirtana.

O quarto capítulo trata da vivência dos adeptos brasileiros deste ritual e a versão brasileira do Movimento Hare Krishna. No sexto capítulo menciona-se a referência de Max Weber à inovação na Índia do século XVI que Sri Chaitanya Mahaprabhu promoveu pela criação do canto congregacional do mantra Hare Krishna. O autor ressalta o conceito weberiano de "Individualismo místico", e comenta a herança intelectual de *The Religion of India*, de Weber na obra *Homo hierarchichus*, de Louis Dumont. O autor levanta críticas à obra de Dumont, por não ter discutido os ritos hindus e sua importância na negociação de posições e valores hierárquicos dentro do sistema social indiano.

O quinto capítulo versa sobre os ensinamentos de Srila Prabhupada em torno da noção de "alma espiritual", observando que apesar de este tema ter sido importante tanto para o hinduísmo quanto para os cientistas sociais, como Emile Durkheim, na sua discussão sobre o caráter social da alma, Louis Dumont não o abordou na sua teoria do individualismo.

Ao longo do texto, Marcos Silva da Silveira interpela citações de textos do Movimento Hare Krishna, para apresentar uma versão oficial do Movimento, com comentários e reflexões a partir de referências da teoria antropológica. Seu estilo varia desde capítulos mais informativos baseados, sobretudo, em fontes bibliográficas, a descrições e reflexões pessoais, divertidas e animadas, que relatam suas experiências junto aos devotos.